

NIKETCHE DA PAULINA CHIZIANE, ENTRE A REJEIÇÃO DO LEVIRATO E A DENÚNCIA DA CONDIÇÃO FEMININA EM MOÇAMBIQUE

Latte Paul ANGOLI

Université Félix Houphouët-Boigny

angoli.ufhb@gmail.com

Resumo: A leitura do romance da moçambicana Paulina Chiziane permite perceber a rejeição por parte desta autora de qualquer forma de inferiorização da mulher na sociedade pós-independência. *Niketche* transforma-se num romance portador de novas esperanças para a mulher africana confrontada com os sofrimentos impostos por uma sociedade patriarcal, onde o casamento poligâmico remete para uma prisão da qual é preciso libertar-se.

Palavras-chave: romance, personagem feminina, Moçambique, poligamia

NIKETCHE DE PAULINA CHIZIANE, ENTRE LE REJET DU LÉVIRAT ET LA DÉNONCIATION DE LA CONDITION FÉMININE AU MOZAMBIQUE

Résumé : La lecture du roman de la mozambicaine Paulina Chiziane permet de se rendre compte du rejet par cette dernière de toute forme d'infériorisation de la femme dans la société de postindépendance. *Niketche* se meut en un roman porteur de nouvelles espérances pour la femme africaine confrontée aux souffrances imposées par une société patriarcale où le mariage polygamique renvoie à une prison de laquelle il se faut se libérer.

Mots-clés : roman, personnage féminin, Mozambique, polygamie

NIKETCHE BY PAULINA CHIZIANE, BETWEEN THE REJECTION OF LEVIRATE MARRIAGE AND THE DENUNCIATION OF THE CONDITION OF WOMEN IN MOZAMBIQUE

Abstract: Reading the novel by Mozambican author Paulina Chiziane reveals her rejection of all forms of female inferiority in post-independence society. *Niketche* is a novel that brings new hope to African women facing the suffering imposed by a patriarchal society where polygamous marriage is a prison from which they must break free.

Keywords: novel, female character, Mozambique, polygamy

Introdução

Paulina Chiziane insere-se na dinâmica das escritoras que questionam uma visão estereotipada da mulher em África. Ela denuncia uma representação desvalorizante da condição feminina. Esta, desprezada e desacreditada pelo sistema patriarcal, adquire, nesta escritora moçambicana, outra dimensão, na medida em que tenta libertar-se do peso da

tradição. Desde o início, Paulina Chiziane enfatiza, sob a ótica da poligamia, as restrições sofridas pelas mulheres africanas, revelando toda uma série de limites que as levam a sentir um complexo de inferioridade. A escritora vai ainda mais longe, insurgindo-se contra o levirato, em vigor em certas tradições africanas. Evocam a inferioridade moral e social atribuída à mulher e insurgem-se contra tal abordagem. É, portanto, útil questionar-se sobre a dinâmica da reivindicação de um novo estatuto para a mulher numa sociedade onde esta é marginalizada. É nesta perspectiva que se insere a seguinte questão: como é que, através de *Niketche*, Paulina Chiziane rejeita práticas tradicionais como o levirato, denunciando mais amplamente os mecanismos de submissão da mulher na sociedade moçambicana? A hipótese que serve de fio condutor é que Paulina Chiziane usa a ficção como uma ferramenta de crítica social, mostrando que práticas como o levirato e a poligamia não são apenas tradições, mas servem para manter as mulheres numa posição de inferioridade, justificada pelo patriarcado. A obra propõe, assim, uma tomada de consciência feminina e uma rutura com uma ordem social injusta. O objetivo do presente estudo é analisar os processos pelos quais *Niketche* destaca a complexidade da condição feminina em Moçambique, desconstruindo as justificativas culturais do levirato e da poligamia e afirmando a necessidade de uma mudança nas relações de género. Na primeira parte, apresentamos a abordagem metodológica, o corpus e o contexto sociocultural. Na segunda parte, abordamos o caso do romance como um romance que reflete a mulher dependente do casamento. Na terceira parte, revelamos que *Niketche* é um romance que rejeita a poligamia e o levirato.

1. Tema, corpus e contexto sociopolítico

A metodologia em que nos baseamos é a abordagem temática. Com efeito, a construção temática baseia-se em fenómenos inscritos no texto, como as recorrências. Ora, notamos que, na obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane, o elemento recorrente é a mulher. Assim, emerge uma relação entre o alcance das obras escritas por Paulina Chiziane e a temática da condição feminina. De facto,

« Le thème [...] n'est rien d'autre que la coloration affective de toute expérience humaine, au niveau où elle met en jeu les relations fondamentales de l'existence, c'est-à-dire la façon particulière dont chaque homme vit son rapport au monde, aux autres et à Dieu [...]. Son affirmation et son développement constituent à la fois le support et l'armature de toute œuvre littéraire ou, si l'on veut, son architecture. » (Collot 1988 : 91-97).

Do nosso ponto de vista, a lógica temática informa certamente sobre o funcionamento do texto, mas também é preciso reconhecer que este, por sua vez, influencia o seu significado. Isso denota a existência de uma homologia entre o significado global do tema e os diversos aspetos formais da obra. É neste contexto que Claude Bremond escreve que « [le thème] n'est pas perçu comme un signifié dont le « dicible » serait épuisé par ce que le texte en dit, mais comme un référent à la fois intérieur et extérieur au texte, comme une réserve [...] de formulations [...] créant des écarts de sens » (Bremond 1985 : p.422). Trabalhar a obra de Paulina Chiziane a partir da recorrência dos temas serve ao projeto de expor os tormentos da

condição feminina em Moçambique. Mas quem é ela? Chiziane nasceu em 4 de junho de 1955 na cidade-município de Manjacaze (província de Gaza), em Moçambique. Depois de publicar alguns contos na imprensa, ela estreou-se no mundo da literatura com várias obras, nomeadamente *A balada de amor ao vento* (1990), *Niketche – uma história de poligamia* (2002), *Ventos do apocalipse* (1993); *O sétimo juramento* (2000); *O alegre canto da perdiz* (2008); *As andorinhas* (2009) ; *Eu, mulher: por uma nova visão do mundo* (2013); *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento* (2015)); *O canto dos escravizados* (2017). Em 2021, ela é a primeira mulher africana a receber o Prémio Camões, a mais prestigiada distinção concedida a escritores de língua portuguesa, patrocinada pelos governos do Brasil e de Portugal. Através da sua pena, transparece que esta escritora de Moçambique

« fait revivre les basses couches de la population africaine et notamment celle des femmes. L'intérêt qu'elle leur porte témoigne d'une conscience aiguë de la classe intellectuelle africaine, celle qui a les moyens de s'exprimer. S'expliquant son acharnement à présenter des [héroïnes], elle se pose en porte-parole vigilante pour les Africain[e]s : et [...] son écriture éclate dans plusieurs directions en s'engageant sur des voies sociales diverses où elle entrevoyait un rôle à jouer même en tant que simple observatrice. » (Kasongo M. Kapanga, 2006,122-123).

Mas longe de se limitar ao simples papel de observadora, Paulina Chiziane transforma-se numa porta-voz dos oprimidos e marginalizados, fazendo da condição feminina uma das pedras angulares da sua escrita, sob um estudo da poligamia que, evidentemente, assume várias formas em todo o mundo:

“Refira-se que a poligamia pode assumir heterogêneas tipologias: a mais tradicional, a poliginia, na qual um homem é casado com duas ou mais mulheres, a poliandria, em que uma mulher vive em união de facto ou é casada com dois ou mais homens, e a poliginandria, na qual dois ou mais homens se unem de forma exclusiva a duas ou mais mulheres. Como, a poligamia pode desenvolver-se em famílias paralelas, que se caracterizam pela coexistência de núcleos familiares distintos, e em famílias poliparentais com um único núcleo familiar conjugal.” (Hugo Cunha Lança, 2023:84).

A partir de *Niketche*, o leitor é levado a dar uma olhada no contexto sociocultural e político de Moçambique, sua terra natal. O romance, através da narrativa que se desenvolve, faz referência ao conceito de poligamia e se apresenta, em termos de recepção, como a obra mais famosa da escritora; o que lhe permite, enquanto mulher, ter uma notoriedade real e impor-se num universo moçambicano onde os homens tinham o papel principal na produção literária:

“Paulina Chiziane, a primeira mulher a publicar romance em Moçambique, marcou presença na conquista pela independência nacional como militante. A escritora faz da sua narrativa um meio para apresentar ao mundo, de forma inovadora, temas e acontecimentos polêmicos que fazem parte da tradição de seu país. Com sua prosa, entra com força no universo da literatura moçambicana, que antes era composto apenas por homens.” (Fernanda Oliveira da Silva, Maria Teresa Salgado, 2019:133).

O relato apresenta as principais características literárias das obras da autora, tais como a prevalência da voz feminina. Verdadeira referência da literatura moçambicana, *Niketche* é uma obra que questiona as tradições e debate, como nunca, a condição feminina na sociedade moçambicana, enquanto destaca a diversidade cultural de Moçambique.

“Antes de pensar sobre a identidade de um grupo, literatura, movimento político e social ou nação, é preciso reformular o questionamento básico de “o que seria identidade” e questionar “a quem ou a que a construção de uma nova idade iria servir”. No caso da identidade moçambicana, construída politicamente pelo movimento que lutou pela libertação, percebe-se que ela foi, inicialmente, pautada pela tentativa de homogeneização dos diferentes povos/etnias que habitavam o território moçambicano, a exemplo da adoção da língua do colonizador, o português, como língua oficial, bem como da proibição da utilização das línguas nativas nas escolas e no cotidiano institucional.” (Marco Aurelio de Oliveira Leal, Rayanna Lucylle Simões Vilela Tavares, 2020:29).

De facto, é importante compreender o contexto sociocultural em que se insere qualquer obra literária. E Paulina Chiziane não é exceção à regra. *Niketche* foi escrito num Moçambique pós-independência, vários anos após a libertação do jugo colonial português (1975) e na sequência de uma guerra civil devastadora (1977-1992). Este período é marcado por uma sociedade em reconstrução, dividida entre tradições ancestrais e modernidade. Moçambique também é caracterizado pela tentativa do Estado de promover valores igualitários (igualdade entre homens e mulheres, fim das práticas consuetudinárias opressivas), muitas vezes em contradição com as práticas culturais locais. Esta ação do Estado moçambicano é ainda reforçada através de parcerias multilaterais e bilaterais, como é o caso com a França, por ocasião do Dia Internacional dos Direitos da Mulher, em 8 de março de 2024:

« La journée internationale des droits des femmes, qui marque également l’ouverture du « mois de la femme » au Mozambique, est un temps fort pour rappeler ce droit fondamental que constitue l’égalité entre les femmes et les hommes [...]. Au Mozambique, l’ambassade de France concourt concrètement à la réalisation de ces objectifs partagés avec le gouvernement mozambicain [...] par exemple[...] l’émancipation des femmes en milieu rural [...] en développant avec le Forum Mulher un projet de lutte contre les violences faites aux femmes, favorisant leur accès aux droits et à la santé sexuels et reproductifs et à des perspectives économiques [...], la lutte contre la fistule obstétrique dans ces deux mêmes provinces, à travers des actions de sensibilisation, de formation des personnels de santé, d’opérations chirurgicales, et de réintégration des femmes victimes [en] s’assur[ant] que ses projets bénéficient de façon paritaire aux hommes et aux femmes » (Ambassade de France au Mozambique et en Eswatini, 2024).

A isso acrescenta-se uma forte resistência das mentalidades patriarcais, sobretudo nas zonas rurais, onde o costume ainda prevalece sobre o direito moderno. Paulina Chiziane retrata esta tensão entre o direito consuetudinário e a lei oficial, em particular em torno do casamento, da poligamia, do estatuto das mulheres e do lugar das tradições numa sociedade que se quer moderna. A especificidade da relação poligâmica é que a protagonista, Rami, e as suas coesposas decidem unir-se. No início, o seu marido, Tony, não gosta nada dessa amizade, mas as mulheres decidem, de forma solidária e unânime, que Tony pode passar uma semana com cada uma delas. Há uma divisão equitativa entre elas das tarefas conjugais que o marido deve cumprir e, assim, o risco de conflitos entre as coesposas é reduzido, ou mesmo eliminado. Mas quando se descobre que Tony supostamente morreu num trágico e violento acidente, Rami tem uma relação sexual com Levy, o irmão do seu marido, no contexto da prática do levirato. A relação sexual com o cunhado após a morte do marido faz parte da tradição cultural moçambicana à qual Rami pertence. No entanto, como o suposto cadáver de Tony está desfigurado, torna-se rapidamente evidente que o marido de Rami está vivo. Assim, ao regressar a casa, Tony, chocado, descobre que o seu irmão é outro participante nesta «*dança do amor*», ou seja, *Niketche*, que nada mais é do que o tempo que o marido passa a ter relações sexuais com as suas mulheres dentro do lar conjugal. Não nos esqueçamos de que a palavra *Niketche* vem de uma língua bantu do norte de Moçambique, muito provavelmente o macua ou uma língua próxima. Designa uma dança ritual tradicional praticada pelas mulheres, frequentemente associada à iniciação sexual e matrimonial e à preparação para a vida de mulher/mãe/esposa. Existe, portanto, uma forma de transmissão cultural feminina, tanto mais que no romance o termo *Niketche* assume um forte valor simbólico. É simultaneamente um espaço de expressão feminina, de sensualidade, de solidariedade, mas também de resistência cultural, pois representa um conhecimento ancestral que escapa ao domínio masculino. Através desta dança, Chiziane devolve às mulheres uma linguagem corporal, cultural e identitária própria, permitindo-lhes reconquistar uma parte da sua autonomia face ao sistema patriarcal. Há, no romance, uma dimensão iniciática tradicional à qual o romance africano não escapa (Xavier Garnier, 2009, pp. 285-295). Além de simplesmente apresentar as características culturais da sua sociedade, Paulina Chiziane transforma o seu romance numa ferramenta que reflete a mulher dependente do casamento. Em que sentido?

2. Um romance que reflete a mulher dependente do casamento

A leitura da obra *Niketche* oferece a oportunidade de evocar as razões que militam a favor da rejeição das relações sexuais, e mesmo dos casamentos tradicionais não consentidos. Uma das razões mais frequentemente evocadas é a imposição de relações indesejadas, especialmente no que diz respeito ao levirato. No caso do levirato, muitas mulheres são obrigadas a casar com um homem que não escolheram, por vezes muito mais velho ou já casado. Isto viola o seu direito à autonomia e ao amor livremente consentido. Algumas mulheres também testemunham a sua humilhação por se tornarem uma propriedade familiar, transferidas de um homem para outro sem consideração pelos seus sentimentos. A questão

do levirato é usada para contextualizar, uma vez que, através do casamento, a mulher encontra proteção e segurança:

« Partout dans le monde, le veuvage met les femmes dans des situations de grandes difficultés économiques, en particulier lorsqu'elles ont des enfants à charge. Ceci est particulièrement vrai en Afrique subsaharienne, où le statut de la femme, déjà précaire lorsqu'elle est mariée, l'est encore davantage lorsqu'elle est veuve. [...] La pratique du lévirat existe dans la grande majorité des sociétés africaines, notamment pour les veuves encore en âge de procréer. [...] cette coutume consiste, pour la femme, à se remarier avec un frère cadet germain ou classificatoire de son mari défunt. [...] Si la veuve refuse le lévirat, [...], elle doit quitter la maison de son mari décédé en abandonnant ses enfants. [...] En milieu rural, il n'est pas rare qu'une veuve qui refuse le lévirat parte vivre en milieu urbain. » (Carine Elel, Gilles Pison, 2023, pp. 327-328).

No entanto, a prática do levirato está bem especificada na Bíblia (Deuteronómio 25, 5-10). A partir desse momento, o romance de Paulina Chiziane torna-se um documento histórico, ou mesmo uma crónica que se dedica a reproduzir os textos bíblicos sobre o levirato e o casamento imposto às mulheres sem que estas possam se opor: «*Até na bíblia a mulher não presta. [...] É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma*» (Paulina Chiziane, 2004, p. 23). Em outras palavras, a sua infantilização é evidente, tal como no *Código Civil* Napoleónico de 1804:

« Article 213 : Le mari doit protection à sa femme, la femme obéissance à son mari.
Article 230 : La femme pourra demander le divorce pour cause d'adultère de son mari, lorsqu'il aura tenu sa concubine dans la maison commune.
Article 267 : L'administration provisoire des enfants restera au mari demandeur ou défenseur en divorce, à moins qu'il n'en soit autrement ordonné par le tribunal, sur la demande soit de la mère, soit de la famille, ou du commissaire du gouvernement, pour le plus grand avantage des enfants.
Article 1421 : Le mari administre seul les bien de la communauté. Il peut les vendre, aliéner et hypothéquer sans le concours de la femme » (Code Civil, 1804).

É exatamente isso que transparece na passagem seguinte, que, certamente, se insere no contexto moçambicano. O leitor assiste a um retrocesso, a um recuo de pelo menos dois séculos:

“Um marido em casa é segurança, é protecção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca de outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio.” (Paulina Chiziane, 2004:11).

Estas imagens poderosas destacam como a mulher é despersonalizada, reduzida a um objeto descartável, submetida a um papel de servidão e espera dolorosa. Nessa ótica, o homem é visto como aquele que traz segurança, força e estabilidade. As mulheres, confrontadas com condições socioeconómicas difíceis (falta de independência financeira,

marginalização das viúvas, vulnerabilidade na sociedade), recorrem a ele como protetor natural. Essa representação, que poderíamos qualificar como feminina tradicional, baseia-se numa conceção relacional do mundo: a mulher inscreve-se numa lógica de casal ou de clã, onde o vínculo com um homem é um vetor de sobrevivência e pertença. No entanto, essa mesma postura é fortemente criticada por uma leitura feminista do texto. A necessidade de proteção é vista aqui como resultado de uma construção social profundamente patriarcal, que priva a mulher de toda autonomia, condenando-a a viver sob a autoridade de um homem. O marido, o irmão, o chefe da família são figuras de poder que limitam a liberdade feminina e a reduzem a um estatuto inferior, subordinado:

« Dans toute société patriarcale, l'éducation des filles n'est pas toujours valorisée de la même manière que celle des garçons [...]. L'idée qu'il est moins [...] utile [...] que les filles soient scolarisées est ancrée dans de nombreuses sociétés et communautés [...]. Cela vient d'une vision traditionnelle et essentialiste sur la division des tâches, qui cantonne les hommes au rôle productif et les femmes aux rôles reproductifs de mères et d'épouses. » (Cecilia Poggi, Juliette Waltmann, 2019 :1-38).

Nesta perspetiva, o homem não é um refúgio, mas uma estrutura de dominação. O recurso ao levirato, por exemplo, é interpretado como um sistema em que o corpo da mulher pertence à família do marido e onde o seu desejo, a sua vontade e a sua liberdade são negadas. Paulina Chiziane, através da sua escrita, desconstrói esta imagem, mostrando que esta aparente proteção é, na realidade, uma máscara de alienação. Na verdade, trata-se de uma ironia evidenciada pela escritora através da pergunta retórica da personagem feminina, Rami: «*Ah, meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que me casei. Por que só hoje me revelas o teu poder?*» (Paulina Chiziane, 2004:17). A passagem ilustra, portanto, uma ambivalência típica de muitas obras femininas africanas: entre o apego emocional às estruturas tradicionais e a vontade de romper com a ordem patriarcal. Ela revela que a dominação masculina não se perpetua apenas pela força, mas também pela interiorização da dependência pelas próprias mulheres. A escrita de Chiziane nem sempre é binária, mas convida a uma tomada de consciência e a uma redefinição das relações entre os sexos, onde proteção não rima mais com submissão: «*Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procuo-me. Não me encontro. Em cada canto do meu ser encontro apenas a imagem dele. Solto um suspiro e só o nome dele*» (Paulina Chiziane, 2004, p. 14). No entanto, Rami não consegue se “desprender” de Tony. Quando Rami diz: “*Procuo-me. Não me encontro*” ela admite uma perda de identidade pessoal, totalmente dissolvida na relação amorosa e conjugal. O «eu» feminino desaparece em favor de um «eu» moldado pelo desejo do outro, numa lógica de posse psicológica. É aqui que a dominação se torna mais poderosa: quando a mulher ama até mesmo o que a destrói, porque isso representa tudo o que ela conhece, tudo o que lhe ensinaram a desejar. Mas é preciso compreender bem a abordagem de Paulina Chiziane, que se baseia num perspetivismo psicológico. Com efeito, esta passagem ilustra uma dominação interiorizada, em que a mulher, embora consciente da injustiça da sua condição, não consegue romper o vínculo psíquico e afetivo que a liga ao homem. É uma forma de cativeiro emocional: ela não sofre apenas um sistema opressivo

externo (família, costumes, sociedade), mas é colonizada internamente pela imagem desse homem, a ponto de não se encontrar mais (Carine Elel, Gilles Pison, 2023, pp. 327-341). A queixa de Rami traduz a condição da mulher condenada a uma dependência forjada pela socialização patriarcal. Recorde-se que, em muitas sociedades africanas, as mulheres são educadas desde tenra idade para serem dedicadas, dóceis, ligadas ao marido e até emocionalmente dependentes dele. O homem é apresentado como a fonte do respeito social, o centro da vida conjugal, por vezes até como a única porta de entrada para uma existência social legítima, como o facto de ser casada, ter filhos, ter uma casa cujas despesas financeiras são da responsabilidade do homem. Assim, mesmo diante da traição, da poligamia ou da humilhação, algumas mulheres, como Rami, não conseguem imaginar uma vida sem ele. Elas foram privadas de modelos de emancipação, de recursos económicos ou emocionais para se reconstruírem fora do olhar masculino. Ela expressa-se nestes termos:

“Sou uma mulher derrotada, tenho asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depus as armas antes mesmo de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corressem de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal.” (Paulina Chiziane, 2004:18).

No entanto, a visão do casamento idílico perde todo o sentido quando a mulher percebe que é impossível encontrar a felicidade total. De facto, a passagem mostra que Rami não está em negação, mas numa fase de luta interior. Ela está consciente de que está presa, mas ainda não encontrou forças para se libertar. Isso não significa que ela esteja definitivamente submissa, mas que está num momento de fraqueza humana, de conflito interior, que também faz parte do processo de libertação. A obra de Chiziane, no fundo, não condena as mulheres que sofrem em silêncio, mas acompanha-as no seu despertar. Rami, longe de ser uma eterna submissa, decide vencer o peso que a relega ao estatuto de ser humano perpetuamente submisso, por ser mulher:

“Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor. Quero tocar na alma de todas as pedras do meu caminho. Quero beijar grão a grão a areia que tece o solo fecundo onde me aleito. Fecho os ouvidos ao mundo e apenas escuto o silêncio do meu percurso.” (Paulina Chiziane, 2004: 19).

Este despertar da consciência feminina ao qual Rami aspira, sobretudo num contexto africano, remete plenamente para esta vontade de sair do obscurantismo e alcançar uma total liberdade de ação que poderá passar, entre outras coisas, pela educação. De facto, a alfabetização, o acesso à escola e a mobilização feminista permitiram que muitas mulheres tomassem consciência dos seus direitos. Elas questionam as tradições que as marginalizam

e reivindicam relações baseadas na igualdade, no respeito mútuo e na justiça. A constatação de Rami tem um valor altamente político e simbólico no romance: ela cristaliza a passagem da submissão inconsciente para a consciência crítica, do sofrimento silencioso para a denúncia. Sim, é um desejo claro de romper com o universo patriarcal, transmitido pela família, reforçado pela sociedade e justificado pela cultura. Essa passagem mostra que o feminismo africano, tal como construído por Paulina Chiziane, nasce primeiro na intimidade do pensamento das mulheres, antes de se tornar ação coletiva ou compromisso público. Escritoras como Paulina Chiziane tornaram-se vozes poderosas dessa consciência coletiva. Assim, *Niketche* apresenta-se sob a forma de um romance que rejeita a poligamia e o levirato.

3. Um romance que rejeita a poligamia e o levirato

O romance de Paulina Chiziane é marcado pela carga emocional e económica que pesa sobre a mulher moçambicana. O uso de um registo patético reforça esse sofrimento imposto pela vida num lar poligâmico baseado na mentira. Na realidade, Tony, o marido de Rami, já vivia com outra mulher quando engravidou Rami, o que ele lhe escondeu. A manipulação operada por Tony é, portanto, um estratagema usado para aprisionar a mulher numa dependência real e total, tanto afetiva, psicológica como económica:

“Dizia-me que era solteiro. Só quando engravidei é que me falou da existência de uma esposa e um filho. Mas tratou logo de dizer que fora obrigado a casar e aguardava uma oportunidade para divorciar-se. Fazia promessas maravilhosas. Os anos passavam. Vi os filhos a nascer um a um e em cada nascimento ele renovava as promessas de casamento.” (Paulina Chiziane, 2004:23).

Esta passagem ilustra com força a complexidade da dominação patriarcal, que não é apenas uma questão de leis ou tradições visíveis, mas também de laços invisíveis que colonizam o coração, as memórias e a autoestima das mulheres. Rami, como muitas mulheres africanas, encarna essa dor de amar aquele que encarna a opressão, uma dor que faz parte do longo caminho para a libertação pessoal e coletiva. Através de Rami, que é a porta-voz delas, as mulheres denunciam o fardo económico e emocional que a poligamia lhes impõe. O marido, muitas vezes incapaz de satisfazer equitativamente as necessidades de todas as suas esposas e filhos, deixa as mulheres a gerir sozinhas a casa, os filhos e, por vezes, até o rendimento familiar. Isto esgota-as emocionalmente e priva-as de reconhecimento social, tanto mais que os filhos destas uniões podem sofrer de falta de estabilidade e de referências. Num casamento poligâmico, as mulheres têm frequentemente de coabitar com outras esposas, o que gera conflitos permanentes, ciúmes e um sentimento de injustiça, especialmente se o homem favorece uma esposa em detrimento de outra. Em outras palavras, os «*conflits dans les familles polygames et souffrances familiales*» são uma realidade terrível e traumática. É, portanto, com razão que Paulina Chiziane, em *Niketche: Uma história de poligamia*, descreve com precisão o sofrimento das mulheres que descobrem tardiamente que partilham o marido, muitas vezes sem o seu consentimento inicial. «*Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres bonitas, mulheres feias... Mulheres vivas por fora e mortas por dentro... antigas habitantes das trevas*» (Paulina Chiziane, 2004, p. 87). Esta

citação destaca a vida interior destruída das mulheres polígamas — exaustas, esvaziadas, privadas de luz mental e espiritual. A figura de estilo, aqui a antítese, viver «*mortas por dentro*» sublinha a violência simbólica e o colapso emocional causados pelo sistema patriarcal. Em *Niketche*, Paulina Chiziane destaca o processo doloroso, mas necessário, pelo qual a mulher moçambicana toma consciência da sua condição de dependência afetiva e social. Rami, ao procurar-se interiormente, descobre com angústia que não se encontra mais: «*Procu-ro-me. Não me encontro. Em cada canto do meu ser encontro apenas a imagem dele*». Este desaparecimento de si em benefício da imagem masculina ilustra uma alienação profundamente interiorizada, fruto de um sistema patriarcal que molda a identidade feminina em torno do marido. A isto acresce uma violência simbólica flagrante, encarnada por Tony, que nega qualquer responsabilidade pela sua infidelidade. Este duplo discurso, o esquecimento de si mesma pelo amor e a humilhação por uma moral sexista, desencadeia em Rami uma lenta revolta interior. Diante de um homem que ri do seu sofrimento e se esquiva de qualquer culpa, a busca pela independência torna-se uma urgência existencial e política para reconquistar a sua identidade, dignidade e liberdade:

—*Tony, andas a trair-me, não é?*

— *Trair?*

—*Sim.*

— *Ah! (...)*

—*Traição é crime, Tony!*

—*Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.*

— *O quê? — Por favor, deixa-me dormir* (Paulina Chiziane, 2004, p. 29).

Um dos grandes interesses de *Niketche* é a forma como expõe as diferenças culturais entre o Norte e o Sul de Moçambique, em relação aos grupos étnicos e suas concepções de casamento e família. De facto, a personagem Tony encarna um homem do Sul, criado numa tradição patrilinial e patriarcal (associada aos povos Changana/Ronga), onde a mulher é frequentemente considerada propriedade do homem e a poligamia é tolerada. Existe, portanto, uma forma indireta de poliamor que fundamenta o casamento poligâmico:

“É exatamente pela consensualidade e equidade que o poliamor não se confunde com o adultério, porquanto na infidelidade conjugal um (ou ambos) dos parceiros tem uma relação de intimidade sexual com um terceiro sem autorização nem conhecimento do cônjuge. Pelo exposto, o poliamor tem características que o aproximam do casamento aberto, uma relação matrimonializada (ou união de facto) na qual os cônjuges acordam que podem existir relações extraconjugais, de cariz sexual ou romântico, pelo que estas não são interpretadas como adultério” (Hugo Cunha Lança, 2023:85).

No entanto, o contraste vem até mesmo do nome Tony, que faz referência ao mundo anglo-saxão, que, sem dúvida, lembra o Século das Luzes¹ :

¹ Como lembrete, o século das Luzes é caracterizado pela luta contra o obscurantismo, a intolerância, a injustiça, a escravidão e a desigualdade social. Os ingleses são frequentemente considerados os precursores do Século das Luzes devido à grande influência de pensadores como John Locke ou Isaac Newton, cujos trabalhos lançaram as bases do pensamento

« Car en Afrique, les noms symbolisent l'être de l'individu, sa personnalité sociale et ontologique. Le nom apparaît comme le déterminant de l'homme, son essence. C'est l'indicateur de la situation familiale, sociale, spirituelle et ontologique. Le nom apparaît alors comme un mot, une chose, traduit ou exprime donc une idée. » (Youssouf Kouma, 2023 :146).

Mas Tony não desempenha o papel esperado pelo nome que leva e, por consequência, não se enquadra na simbologia onomástica que reveste a sua identificação com o mundo anglo-saxónico, considerado como a base da luta contra todas as formas de obscurantismo durante o século XVIII.

« Les stades du développement de l'individu sont définis socialement. L'une des marques sociales prédominantes est l'imposition d'un nouveau nom en tant qu'acte (central ou pas) d'une cérémonie liée à un moment de la vie de l'individu dans le groupe. [...]. Le domaine de prédilection de l'onomastique littéraire est ce qu'on pourrait nommer l'onomastique symbolique. Il s'agit de découvrir le sens caché du nom d'un lieu ou d'un personnage [...]. Il va de soi que cette onomastique-là est en quelque sorte une onomastique au second degré, non tant une étymologie populaire qu'une réexploitation ludique du mot. » (Michel Grimaud, 1990 :7-8).

Por outro lado, no norte do país, as sociedades matrilineares, especialmente entre os Macua ou os Lomwe, oferecem um modelo familiar diferente: a descendência é pela linha materna e as mulheres podem desfrutar de certa autonomia social.

“Em Moçambique há uma divisão entre a tradição do sul, onde o patriarcalismo impera e a mulher é encarada como um ser submisso ao homem, sem voz ou poder de decisão, enquanto que no norte elas são vistas como um indivíduo que deve ser respeitado e adorado por conta de sua beleza e sensualidade. A cultura do norte permite que a mulher explore suas vaidades e desejos, enquanto que a do sul cerceia e reprime toda e qualquer manifestação feminina (Juliana Franco Alves-Garbim.” 2016:79).

Paulina Chiziane baseia-se nessas diferenças para mostrar que a dominação masculina não é «natural», mas culturalmente construída e varia de acordo com os contextos:

“No que diz respeito à sociedade repressora de Moçambique, a autora escreve de maneira a subverter os padrões de dominação cultural e literária, mas parece, ao mesmo tempo, viver uma tensão no campo das manifestações culturais, onde ora gravita pelos padrões locais, ora remete ao passado onde a cultura moçambicana fora suplantada pela cristã-europeia” (Juliana Franco Alves-Garbim, 2016, p. 79).

Assim, o romance questiona a poligamia não apenas como um sistema sexista, mas também como um fenómeno culturalmente situado, ligado a normas clónicas e heranças

racional, empírico e liberal. O seu questionamento da autoridade absoluta e da intolerância religiosa inspirou os filósofos franceses a lutar contra o obscurantismo. Assim, a Inglaterra tornou-se um modelo de tolerância, progresso científico e liberdade política (Pete Gay, 1966-1969).

coloniais. No entanto, a vontade de emancipação das mulheres da nova geração não é do agrado das mulheres mais velhas, que se ofendem com a perda de valores ancestrais, como a poligamia:

– *Se teu marido não te responde, é em ti que está a falta. [...]*

– *As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim* (Paulina Chiziane, 2004, p. 97).

A tia de Rami é a velha senhora mencionada na passagem. Ela é uma figura tradicional encarregada de transmitir os valores patriarcais. Rami, figura porta-voz das marginalizadas, oferece uma chave essencial para compreender o pensamento de Rami em *Niketche*, como voz crítica do patriarcado enraizado não só na sociedade conjugal, mas também na instituição familiar. A sua constatação vai muito além de um simples desespero pessoal: trata-se de uma tomada de consciência estrutural que revela a profundidade das desigualdades de género nas relações familiares e sociais:

“A decepção de ser ignorada por sua família fez com que Rami chegasse à conclusão de que: “Os problemas das mulheres são classificados no arquivo das insignificâncias, caprichos e incapacidades. São assim os pais. Sempre educando os filhos a serem tiranos e as filhas para aceitarem a tirania segundo a ordem do universo.” (Paulina Chiziane, 2004,:97).

Com esta frase, Rami destaca a invisibilização sistémica do sofrimento feminino. Ela constata que os problemas das mulheres, sejam eles violência doméstica, solidão, traição ou falta de reconhecimento, são considerados secundários, ou mesmo ridículos. São reduzidos a «caprichos» ou «incapacidades naturais», o que equivale a negar a sua legitimidade para sofrer ou exigir justiça. Esta desvalorização institucionalizada da palavra das mulheres é um pilar do sistema patriarcal. Aqui, Rami aponta outro mecanismo essencial do patriarcado: a sua reprodução através da educação familiar. Os rapazes são criados para dominar, as raparigas para obedecer, e tudo isso é feito «segundo a ordem do universo», ou seja, como se fosse natural, imutável, universal. Esta frase, extremamente poderosa, denuncia não só a estrutura opressiva, mas também a ideologia que a legitima desde a infância. Trata-se de uma crítica radical à ordem social tradicional, vista aqui como profundamente desigualitária. Essa constatação não é apenas uma reclamação: ela marca uma rutura intelectual e moral com esse modelo. Rami não se contenta mais em sofrer em silêncio ou interiorizar a culpa. Ela nomeia o sistema, analisa-o e, ao fazê-lo, distancia-se mentalmente dele. Essa lucidez é uma arma de resistência. Ao recusar a normalidade da tirania masculina, Rami abre caminho para outra forma de pensar e viver as relações de género.

“Peguei num dinheiro que tinha guardado e emprestei a Saly. Comprava cereais em sacos e vendia em copos nos mercados suburbanos. Dois meses depois, ela devolveu-me o dinheiro com juros e uma prenda (...) A Lu disse-me: estou inspirada. Se a Saly conseguiu fazer o seu negócio render, também posso. Rami, empresta-me algum dinheiro? Passei os fundos devolvidos pela Saly para as mãos dela. E começou a vender roupa em segunda mão.” (Paulina Chiziane, 2004:118 - 119).

Existe, portanto, uma interpretação do romance que se torna uma arma centrada no compromisso feminista africano. Esta passagem é uma formulação lúcida e violenta do sistema patriarcal tal como é vivido e transmitido na sociedade moçambicana, mas também em muitas sociedades africanas. Inscreve-se diretamente na dinâmica de compromisso com uma mudança profunda da condição feminina, pois traz à tona os mecanismos ocultos da opressão, ao mesmo tempo em que os denuncia com veemência. Rami percebe que o sofrimento das mulheres não é apenas ignorado, mas sistematicamente minimizado. Ao falar de um «*arquivo das insignificâncias*», ela mostra que os problemas das mulheres não são levados a sério, nem pelos homens, nem pela sociedade, nem mesmo pela sua própria família. O sofrimento feminino é arquivado na prateleira dos caprichos ou da incapacidade de «*cuidar bem de uma casa*». Essa marginalização da dor feminina é uma forma poderosa de violência simbólica, pois despolitiza o sofrimento: faz-se acreditar que é natural, que as mulheres são «*emotivas*», «*frágeis*» e que, portanto, não se deve ouvir as suas queixas. Rami não se contenta em criticar a sociedade masculina: ela também denuncia as famílias, incluindo a sua, como agentes de reprodução das desigualdades. Ao afirmar que os pais educam os «*filhos para serem tiranos*» e as «*filhas para aceitar a tirania*», ela quebra um tabu: a submissão das mulheres não vem da sua natureza, mas de um aprendizado transmitido desde a infância. Essa crítica é fundamentalmente feminista, pois aponta para o cerne do problema: a ideologia sexista está integrada nas estruturas educativas, afetivas e familiares. A emancipação não passa, portanto, apenas pela rejeição do homem dominador, mas também pelo questionamento dos modelos de gênero herdados, mesmo dentro do lar. A expressão final — “*segundo a ordem do universo*” — é profundamente irônica. Ela mostra que essa hierarquia homem/mulher é vista como natural, divina, cósmica e, portanto, intocável. Ao nomeá-la e criticá-la, Rami desmistifica essa suposta “*natureza*” dos papéis de gênero. Ela sugere que é possível mudar essa “*ordem do universo*”, pois ela não é universal, mas cultural e construída. É aqui que a sua constatação ganha todo o seu valor: não se trata apenas de denunciar, mas de apelar a uma inversão, a uma rutura com os próprios fundamentos da dominação masculina, para reinventar uma nova ordem mais justa.

Conclusão

Através de *Niketche*, Paulina Chiziane assina uma obra poderosa e empenhada, que ultrapassa o simples relato pessoal para se tornar um verdadeiro manifesto literário feminista africano. Ao explorar a poligamia, o levirato e o lugar da mulher na sociedade moçambicana, a autora denuncia com lucidez e coragem os mecanismos de dominação masculina que, sob o pretexto da tradição ou da religião, perpetuam a inferioridade da mulher. Rami, ao descobrir as outras mulheres do seu marido, não se resigna: transforma a sua dor em consciência e, depois, em ação. O romance defende assim o fim da submissão feminina, seja no casamento, na família ou na cultura. A poligamia aparece não como um simples costume, mas como uma instituição que divide, humilha e desumaniza as mulheres, mantendo-as num papel de rivais submetidas a um homem todo-poderoso. Quanto ao levirato, é apresentado como uma extensão da privação do corpo feminino, transmitido de marido para irmão sem

levar em conta o desejo ou a liberdade da viúva. Diante disso, *Niketche* apela para uma revolução de mentalidades, em que a mulher deixa de ser um objeto de troca ou um símbolo de honra familiar para se tornar sujeita do seu próprio destino. Ao misturar tradições, realidades sociais e vozes íntimas, Chiziane convida a repensar os fundamentos de uma sociedade mais justa, onde as mulheres africanas possam existir plenamente, sem serem reduzidas ao seu papel de esposa, mãe ou viúva.

Bibliografia

- ALVES-GARBIM, J. F. (2016). O feminino e a tradição em *Niketche*: uma história de poligamia, *Todas as Musas*, 8(1):76-84.
- AMBASSADE DE FRANCE AU MOZAMBIQUE ET EN ESWATINI, « Diplomatie féministe – la France pleinement engagée au Mozambique » [Online] 2024. URL : <https://mz.ambafrance.org/Diplomatie-feministe-la-France-pleinement-engagee-au-Mozambique>
- BREMOND, C. (1985). Concept et thème », *Poétique*, 415-424.
- LE CODE CIVIL DES FRANÇAIS DE 1804. [Online]. URL: <https://archives.calvados.fr/page/le-code-civil-des-francais-de-1804>
- COLLOT, M. (1988). Le thème selon la critique thématique, *Communications*, 47, Paris, 91-97.
- CUNHA LANÇA, H. (2023). *Niketche* – uma história de poligamia, por Paulina Chiziane: uma aproximação jurídica ao poliamor como relação familiar tendo por premissa a literatura (Law and Literature)», *JURISMAT*, 17:81-101.
- CHIZIANE, P. (2004). *Niketche: uma história de poligamia*, São Paulo, Companhia das Letras,
- ELEL, C. & PISON, G. (2023). Chapitre 14. Veuvage et lévirat : une étude de cas à Mlomp (Sénégal) », *Genre et société en Afrique (sous la direction de Thérèse Loch)* Paris, Ined Editions, 327-341.
- GARNIER, X. (2009). L’espace initiatique existe-t-il ? Étude de deux romans swahilis d’E. Kezilahabi », *Journal des africanistes*, 79 (2), 285-295.
- GRIMAUD, Michel, « Les onomastiques. Champs, méthodes et perspectives », *Nouvelle revue d’onomastique*, n°15-16, 1990. pp. 5-23. 1990, pp. 7-8
- KASONGO, M. K. (2006). L’idéologie du “topicalisme” thématique dans les romans africains : de Yambo Ouologuem à Calixthe Beyala, *Revue de l’Université de Moncton*, 37 (1) :111-129.
- KOUMA, Y. (2023). Kaydara ou les trois métamorphoses de l’esprit, *Baobab*, 138-154.
- OLIVEIRA DA SILVA, F. & SALGADO, M. T. (2019). A angústia e a transformação em *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane», *IPOTESI*, 23 (1):133-141.
- OLIVEIRA LEAL, M. A. de, VILELA TAVARES, R. L. S. (2020). Entre conflitos e silenciamentos: a literatura Moçambicana como alternativa de narratividade histórica», *Revista Sem Aspás*, 9(1): 27-40.
- POGGI, C. & WALTMANN, J. (2019). La (re)production des inégalités de genre : quels enjeux dans l’éducation, la santé et la protection sociale ? *Papiers de recherche*, 1-38.